



A ONTOTEOLOGIA: UMA IMPLICAÇÃO MEDIEVAL NO USO DA METÁFORA E SUAS RELAÇÕES COM A ANTIGUIDADE E A MODERNIDADE

Hermide Menquini Braga¹

RESUMO: O uso da enteléquia (menção grega para a inteligência humana) e a versatilidade impar do símbolo causou preocupação a Santo Tomaz de Aquino. Criou a necessidade de investigação, já que os nomes (as expressões) eram canal para comunicações cotidianas e, também para expressão do sagrado. O que acontecia era um espaço claudicante da comunicação, entre a produção da *atribuição unívoca* (o termo primeiro, no processo da expressividade) e a atribuição equívoca (não totalmente categórica, por isso balbuciante, já que pouco expressiva). Essa lacuna de expressão marcou-se como obstáculo, e deste, surgiu a atribuição analógica, como uma espécie de contorno à equivocidade. Isso não traduziu solução, mas possibilidade de comunicação inaudita, uma vez que acolhe a reação humana. Esta situação foi chamada, naquelas circunstâncias de ontoteologia. *Onto* porque abrange o princípio racional aristotélico de suas características às substâncias, e, na dimensão divina, estabelecer, talvez, uma relação imanência-transcendência, em um circuito de transcendentalização entre *onthos* e *téos*. Poderíamos dizer a acepção de uma linguagem própria entre a sabedoria finita do homem, infiltrando por meios dos canais expressivos na escala da sabedoria infinita. Vê-se, portanto que a participação unindo-se à causa aristotélica desempenha o papel de denominar a coisa representada, ou seja, transformar o ser (o ontológico), em nome, por meio de uma epistemologia idealista. Ricoeur nos propõe, então, uma expressão impregnada do estilo metafísico, e usa a noção de ciência neste sentido. Diante disso podemos compreender que entre *proportio* e *proportionalitas* existe uma relação que une e separa teologia e ontologia, ciência divina e ciência humana. Une em *proportionalitas* (relação) e separa pelo atributo, garantindo o uno ontológico. Em suma, trata-se de um estudo no qual Aquino pretende chegar à compreensão acerca do atributo humano da linguagem, considerando o alcance finito da condição humana ante à expressão. Disto participa a inexatidão preclara dos símbolos, manancial onde bebe a metáfora. Este é um dos muitos aspectos de que trata o filósofo Paul Ricoeur com relação à metáfora.

Palavras-chave: metáfora, imanência, transcendência, ontologia, teologia, analogia, proporcionalidade.

ABSTRACT: *The use of entelechy (the Greek word for human intelligence) and the versatility of the odd symbol caused concern to Saint Thomas*

¹ Professora da Faculdade Don Domênico, Guarujá. Doutora em Ciências da Religião (PUC/SP)



Aquinas. Created the need for research, since the names (the words) were daily channel for communications and also for expression of the sacred. What happened was a lame space of communication between the output of unambiguous assignment (the first term, in the process of expression) and equivocal assignment (not totally categorical, so mumbling, as not significant). This gap expression is marked as an obstacle, and from this came the analog assignment, as a sort of outline to equivocality. That solution did not translate, but the possibility of communication unprecedented, since it granted the human response. This was called in those circumstances ontotheology. Onto because it embraces the principle of rational Aristotelian characteristics of substances, and the divine dimension, establishing, perhaps, a relationship immanence-transcendence in a circuit between transcendentaliza onthos and TEOS. We could say the meaning of language itself between the finite wisdom of man, by means of infiltrating channels expressive range of infinite wisdom. It is seen therefore that the participation by joining the Aristotelian question plays the role of naming the thing represented, ie, transform the being (the ontological), on behalf, through an idealist epistemology. Ricoeur is proposing, then, an expression imbued with metaphysical style, and uses the concept of science in this sense. Given this we understand that between proportio proportionalitas and there is a link that unites and separates theology and ontology, divine science and human science. Une in proportionalitas (ratio) and separated by attribute, ensuring uno ontological. In short, it established a study in which Aquino hopes of reaching understanding about the human attribute of language, considering the finite extent of the human condition before the expression. This part of the inaccuracy illustrious symbols, drinking fountain where the metaphor. This is one of many ways of dealing with the philosopher Paul Ricoeur.com relation to metaphor.

Keywords: *metaphor, immanence, transcendence, ontology, theology, analogy, proportionality.*

A nova questão à ação do discurso especulativo sobre o evento metafórico era até agora, e por isso foi reforçado ,um misto de fenômeno e magia de certa forma inerentes. Um aspecto sombrio a ser elucidado que acontece em uma referência entre o *é* e o *não é*, dando conta de uma atribuição a uma situação ou coisa no diverso. O método especulativo procura a resposta, evidentemente, mas essa procura é um descaminho .



Existe um desnivelamento entre a questão do dizer e a questão do existir para Aristóteles. Este estabeleceu, para a questão da semântica denominações particularizantes para os nomes (*onoma*). Precisou particularizar as denominações. Ao *logos* ele chamou de homônimo, porque *logos* é o indiscutível; àquelas que aproximam o nome por identidade de noção veio a chamar de sinônimos.

Mas pela crítica audaz que caracteriza o filósofo, Aristóteles percebeu que entre estas duas ocorrências de característica estanque havia uma variação, uma diferença pelo caso (*ptôsis*). Esta asserção é dada a partir da noção de que os nomes são aquilo que poderíamos chamar em nomenclatura contemporânea de família das palavras (*de coragem, homem corajoso*²). Os parônimos representam uma noção ligada à Semântica e não à Filosofia. Eis o desnivelamento entre o dizer e o existir.

Surgiu uma denominação entre o único em noção e nome (*logo*), homônimos e aqueles que têm noções e nomes simultaneamente comuns, (como *sol quente* e *sol abrasivo*), os sinônimos. Atingimos, com este entendimento um aspecto capital em Aristóteles: a analogia. Como tudo que vem de seu pensamento esta é também uma noção universal.

Para esta exposição Paul Ricoeur adotou o pensamento de Pierre Aubamque³, que admite a partir da *ousia*⁴ (noção de origem comum para todos os seres), ou seja, uma única categoria. Não há discriminação de unidades do ser. O *onthos*, na hipótese de ser particular está aberto à investigação. O que vai decorrer disso é uma percepção metafísica, pois para dizer o que uma

² Exemplo de Aristóteles in (*Categorias*, Ia 12-15), in Paul RICOEUR. *A metáfora viva*, p.399.

³ Pierre AUBANQUE. *Le Problème de l'être chez Aristote. Essai sur le problème aristotélicien*. Paris, PUF, 1962, in Paul RICOEUR. *A metáfora viva*, p.404..

⁴ ARISTÓTELES (I, 2 1003 b 6-10), in Paul RICOEUR. *A metáfora viva*, p.403, nota 18

Algumas coisas, com efeito são ditas do ser porque são substâncias, outras porque são determinações da substância, ou, ao contrario, corrupções da substância, ou porque são privações ou qualidades da substância, ou porque são causas eficientes ou geradoras, seja de uma substância, seja do que é dito relativamente a uma substância, ou, enfim, porque são negações de algumas qualidades de uma substância, ou negações da própria substância

Na mesma nota Ricoeur remete a um comentário de V. Décarie que insiste também sobre o papel da noção comum, exercido pela ousia graças a qual cabe a uma única ciência estudar todos os seres enquanto seres.



coisa é , é preciso enfocá-la . Se não há uma *unidade* para ser enfocada , a procura de resposta não está no mesmo processo do que a coisa . Dizendo melhor : se o *ser* tem *noção comum* a todos os seres não é possível particularizar um *ser* para exercer ciência sobre ele.

A *ousia*, pois, a noção comum aos seres impede o enfoque particular. As investigações de Werner Jaeger⁵ e as do próprio Ricoeur a esse respeito, dirigem-se à noção da diferença dos discursos, pois se partirmos, por exemplo do termo *contemplação*, por uma interpretação teológica (tentativa de comunicação com o infinito, teremos dois tipos de discurso) - o humano e o divino.

A diferença de discursos se faz por um princípio prosaico. Partindo do princípio universal que de Deus nada se pode afirmar, mas sim negar ele é indivisível, uno. Por outro lado o *onthos* é essência e acidente, isto reafirma a diferença de natureza, de intensidade e de extensão do homem e de Deus, da teologia e da ontologia, pois também é universal, portanto postulado que a sabedoria do homem é finita e a de Deus é infinita - o simples, enquanto Uno , o composto enquanto *onthos*. Essa presença humana é a *enteléquia*.

A enteléquia , pois , a marca humana de in(compreensão) procura a luz pela analogia, que é obscurecida, mas não totalmente tenebrosa . A analogia, via enteléquia procura aclarar com luz escassa aquilo que escuridão faz em prol da inconsciência . Esse ambiente assim apresenta-se porque às coisas físicas do ser como substância, qualidade, quantidade produzem múltiplas possibilidades de expressão, que sendo inexatas mais dissimulam do que esclarecem . Eis o mundo da linguagem

⁵ Werner Jaeger, alemão natural de Lorrerich , irá viver nos Estados Unidos ,onde se dedicou a compreender a cultura grega. Coube a ele discutir, a partir de 1934 a questão retomada por Aubanque (op.cit.nota 135 ,in *Metafísica E*, 1) de que *o reenvio a um primeiro termo , não mais à seqüência das significações do se,r mas à hierarquia dos seres . Não é mais a ousia que é a primeira das categorias, mas a ousia divina ,que é o ser eminente . (....) . Se existe uma ciência imóvel ,a ciência dessa substância deve ser anterior e deve ser a primeira ;ela é , deste modo ,universal porque primeira ,in Paul RICOEUR . A metáfora viva ,p. 407. De certa forma, já vínhamos , obviamente conduzidos pela leitura, a esbarrar neste pressuposto .*



Para penetrar na problemática da analogia, procurou-se ligá-la ao atributo da proporção sob a proteção da matemática. É outra vertente, diversa daquela que o próprio Ricoeur sugerira a partir da diversidade dos discursos humano e divino, esta procura ser mais lógica. Um encadeamento de idéias introduz o estudo : ela acontece *por derivação, poder ser produzida por reflexão, sobre as condições de predicação*.⁶ Essa é a tentativa de que proteção científica seja legitimada e então a compreensão intelectual, ou seja, uma fonte de credibilidade, porque surgiria exata.

Enxerga-se nesse transporte dados palpáveis, que aliados à premissa da diversificação epistemológica, aquela que produziu a classe intermediária entre homônimos e sinônimos. Atributos nocionais, sempre pacientes de restrições aparecem como experimentos. Por exemplo, as formas geométricas precisam de delimitação de espaço, este espaço de limitado expressa-se por grandezas (números inteiros), que permitem uma leitura, sua desigualdade. Esse tipo de medida é tomada por alteridade epistemológica, ela contribui quando considera não o valor numérico, mas a intensidade (adensamento e desadensamento) das figuras no discurso poético. Contemporaneamente dir-se-ia outra linguagem

Mais uma fonte nocional provém, ainda, de Aristóteles no seu texto *Ética à Nicômaco*. A riqueza dessa confrontação aplicável a tantos aspectos da universalidade dão, fora de hora, e por isso naturalmente, a origem da convergência de objetos própria da filosofia. Um forte exemplo inspirado no critério de justiça nos apresenta a linguagem da proporção : entre duas pessoas interagem quatro temas no sentido da justiça - honra, riqueza, vantagens e desvantagens. A proposta grega é a seguinte; usar o princípio de proporção resultando em analogia. Este apelo tão primitivo quanto real diz copiosamente, *in absentia* e com perfeição da linguagem analógica.

Enfim, a cadeia analógica estabelecida pela ordem das categorias (medicinal é relativo à médico, operação, paciente, incisão). O circuito entre termos aqui importa, é a chave desta leitura. Há uma trajetória : em medicinal (termo primeiro) vai acontecer uma desvalia, semântica, pois o sentido saindo dele recebe operações de proporção, à medida que passa pelos secundários.

⁶ Paul RICOEUR .*A metáfora viva*, p.411.



Quando retorna ao primeiro, já sofreu a modificação imposta pela intenção atributiva, ou seja, já foi comparado e relacionado aos outros termos, sendo ainda o primeiro, mas um “primeiro-outro”. Isto significa dizer que não e nunca aparecerá, neste circuito, um segundo termo puro, pois não é possível, para Aristóteles, para seus estudiosos expressar a unidade não-genérica do ser.

O discurso filosófico tem especulado sobre isso. A partir do avanço que a analogia representou na teoria metafórica. Contudo precisou reconhecer a diversidade dos discursos e admitir as operações da proporção. Mas a modalidade de pensamento que delas advém não parou aí. Como o status do homem é pensar, o encadeamento dessa atuação humana foi pensado em várias etapas da história cultural, e veio, também perturbar Tomaz de Aquino.

A meta de Tomás de Aquino era clara. O homem que tem por destino expressar-se por analogia de caráter dúbio e balbuciente, dada a aquiescência da invenção precisava de um canal digno para enunciar os nomes sagrados. O sagrado, expressão da sabedoria infinita postava-se de um lado por sua inatingibilidade, de outro, a entelúquia produzindo inexatidão, pela analogia gerava essa instância inatingível.

A cadeia estabelecida pela referência de termo em termo, com centramento no primeiro não solucionava totalmente o problema. Vejamos, o que acontecia era um espaço claudicante da comunicação, entre a produção da *atribuição unívoca* (o termo primeiro, no processo da expressividade) e a atribuição equívoca (não totalmente categórica, por isso balbuciente, já que surgia pouco expressiva). Essa lacuna de expressão marcou-se como obstáculo, e deste, surgiu a atribuição analógica, como uma espécie de contorno à equivocidade. Nem meio termo, tampouco solução, mas possibilidade de comunicação inaudita, uma vez que acolhe a reação humana.

Esta situação foi chamada, naquelas circunstâncias de ontoteologia. *Onto* porque abrange o princípio racional aristotélico de suas características às substâncias, e, na dimensão divina, estabelece, talvez, uma relação imanência-transcendência, em um circuito de



transcendentalização entre *onthos* e *téos*. Poderíamos dizer, estabelece a acepção de uma linguagem própria entre a sabedoria finita do homem, infiltrando por meios dos canais expressivos na escala da sabedoria infinita.

A ontoteologia, portanto, demonstra um novo veio do discurso especulativo participar do discurso poético.⁷ A reelaboração do conceito de analogia reporta-se a uma síntese de entendimento que vem unificar um princípio materialista (a já explanada a ligação dos termos sucessivos ao termo primeiro) de Aristóteles, e um princípio idealista (o da participação⁸) de Platão. Percebe-se, desta forma que a analogia estudada por Aquino une o nível dos nomes ao nível das predicções, produzindo o efeito. Não nos pode escapar a expressão metafísica com que Paul Ricoeur fecha a questão:

Participar é de modo aproximativo, ter parcialmente o que o outro possui ou é, em plenitude⁹(grifo nosso)

A prosaica detalhação metafísica nos indica, na definição de Ricoeur, acima, um reforço à proporcionalidade presente pelas noções metalinguísticas deixadas pelo derivado de *aproximação* e de *parcial*, que podemos tomar como pura expressão da analogia e da pertença.

⁷ Paul RICOEUR. *A metáfora viva*, p. 419, nota 41.

A explanação é referente a Aristóteles e a Metafísica, estendendo-se a Tomas de Aquino em comentários de Paul Ricoeur:

(...) É a unidade da ordem do ser que regula a diversidade unificada dos modos de atribuição: o ser se diz primeiramente (*per prius*) da substância, depois a título de derivado (*per posterius*) dos outros predicamentos. A ligação analógica dos princípios reflete desde então a dos seres. (...) A persistência e a estabilidade da teoria propriamente transcendental proveniente de Aristóteles é atestada pela *Summa teológica Sabemos que sempre, no que se refere aos nomes atribuídos por analogia a seres, é necessário é necessário que esses nomes sejam atribuídos na dependência de um primeiro termo e em relação a ele.*

⁸ Paul RICOEUR. *A metáfora viva*, p.420,nota 42.

(....) *a analogia constitui somente a semântica da participação , a qual ,em conjunção com a causalidade , concerne à realidade do ser subjacente aos conceitos pelos quais o ser é representado .*

⁹ Paul RICOEUR .*A metáfora viva*, p. 421



Aquino adotava fundamentação aristotélica da capacidade de fazer e da consumação do feito pelo homem (*ato e potência*) e ainda a primeira parte do que Aristóteles considerava realidade, que era a *substância*¹⁰. Ao *acidente*¹¹ atribuía o caráter de uma circunstancialidade dessa substância. Estas operações vão estabelecer duas outras ordens: a ordem da descendência e a ordem da imitação. Em correlação entre si, embora sem reciprocidade - um recebe do outro *esse et rationem*.¹² O homem, portanto seria a criatura a Sua *imagem e semelhança* (para permitir um adágio popular postulado pela Bíblia.) A intenção dessa postulação, entretanto nos desenha (a todos os homens) em traço forte (embora não inusitado).

O homem intelectualivo é diferente da Sabedoria Suprema. Essa diferença Aquino estudou pelas noções de *proportio* e *proportionalitas*. A *proportio* é uma relação exata, definida, demarcada a um termo primeiro na ordem categórica da substância, diretamente ligada ao acidente, (inequívoca) , correlata e paralela à sabedoria infinita de Deus, que exclui a sabedoria do homem, porque a noção é única, sem correlações, já que uma vez estabelecida é imóvel. A *proportionalitas* exprime similaridade de relações que podem ser percebidas assim: o conjunto (2, 4) intercala números impares se considerarmos números de um a oito, na mesma ordem que o conjunto (6, 8). Existem paralelos dados pela simetria, pela experimentação, pela observação; trata-se da intelectualidade humana, que provê a sabedoria finita.

Ricoeur nos propõe, então, uma expressão impregnada do estilo metafísico, e usa a noção de ciência neste sentido: *a ciência divina é para Deus o que a ciência humana é para o criado*.¹³ Diante disso, podemos compreender que entre *proportio* e *proportionalitas* existe uma relação que une e separa teologia e ontologia, ciência divina e ciência humana. Une em *proportionalitas* (relação) e separa pelo atributo, garantindo o uno ontológico

¹⁰ *Substancia e forma = realidade* , já que a forma delimita e apresenta a substância ao mundo da vida. , em asserção materialista do ser.

¹¹ *Acidente* , em Aristóteles: se consideramos cabelo como *substância*, ser preto ou amarelo são acidentes . Esses termos tanto da nota 142 , como nesta são noções da Metafísica de Aristóteles.

¹² Ser e razão , ou seja fundamento ontológico e fundamento intelectual .

Expressão em Latim in : Paul RICOEUR .*A metáfora viva*, p.421.

¹³ Paul RICOEUR . *A metáfora viva*,p. 423.



Portanto, ainda não se chegou à praia tranqüila do campo da expressão, pois se a relação finita – infinita pode parecer abrupta por demais para ser realidade, uma trajetória menos densa, ou seja, um trajeto de termo a termo, ligados pela semelhança, simplesmente anularia o ênfase à expressão.

A afinidade parcial constatada entre *proportio* e *proportionalitas* (no aspecto de que as duas são *ciência*) ¹⁴ não explica o circuito participação-causalidade-analogia. Essa dificuldade, entretanto, já nos mostra o habitat da metáfora *a priori*. Existe um espaço ainda sem compreensão entre a expressão finita humana e a infinita, divina. E podemos afirmar pela evolução deste texto: não voltamos à mesma situação. O que encontramos agora foi uma trilha no oco de uma pedra que levará à praia mansa, de beleza impar da expressão metafórica. ¹⁵

Este lugar imaginário pode dizer ante a análise de Ricoeur a Aquino, mostra a apreensão do *Ser que reflete* como ato. Existir e evoluir tira do humano a rudimentar forma material para ser concebido como expressão, que o remete ao divino. Esse ato de arremesso como homem relaciona-o com a perfeição divina, marcando-o, pois, como o capaz de fazer de si uma expressão, embora diferente da perfeita. Eis a analogia. Ela é produto da participação (homem /Deus), a linguagem das linguagens, já que sua essência é *ato*, desempenho impossível a outras realidades se lembrarmos o princípio aristotélico da realidade ¹⁶

Seguindo o conceito da analogia, tal como a concebeu agora, ela provém de uma terceira origem, uma adaptação de caminho e de entendimento. Não poderíamos aprimorá-la antes de seu conhecimento bruto. Não se trata da analogia provinda da relação horizontal (homem / furacão: o homem tem a intensidade do furacão), nem a vertical (o homem religioso eleva-se pela prece).

¹⁴ A concepção diferente para a palavra

¹⁵ O limite da expressão é contraposto ao limite e espaço físico . Pedra é obstáculo, haja vista a idéia de tropeço no célebre poema de Carlos Drummond de Andrade.. Neste ponto entra a transcendentalidade da expressão . De um obstáculo ela encontra um caminho camuflado surpreendentemente oposto à natureza compacta da impossibilidade (pedra/expressão) , e irrompe em imagem com dois patrocínios : A Psicologia e a proporção

¹⁶ Metafísica de Aristóteles : (substância + forma = realidade)



Nessa terceira e alternativa acepção, o cimo da verticalidade (o mais eminente¹⁷) procura o inferior (menos excelente¹⁸), alterando, pois, a relação humano-divina (equivocidade /univocidade).

O intermédio dessa relação é presidido pelo pensamento. Este pensamento deve operar com os conceitos¹⁹, com os nomes dando conta de uma tarefa retributiva: ao pensamento do homem pensá-lo, reconhecê-lo (a causa eficiente do pensamento, o homem, ou seja, a origem do pensamento, aquele que o exerce é o homem) como a situação equívoca, a característica da finitude da sabedoria humana relativa à causa eficiente do homem, porque é o Criador – Deus - em sua univocidade.

Apenas o processo analógico, saindo do campo do ontológico puro, para uma denominação teológica consegue chamar a univocidade de Deus. Sua denominação pelo homem é uma analogia, Sua designação apreendida pelo homem é um tipo inédito de analogia que vem a postar esse homem como causa eficiente da apreensão desse nome. Sem dúvida é uma terceira relação.

Paul Ricoeur, aqui nos obriga a citá-lo. Ao mesmo tempo em que ele prepara sua última objeção, ele ornamenta com palavras uma oração na qual sintetiza com mestria inconfundível, em palavras simples o que acabamos de entender com tanta dificuldade:

No jogo do Dizer e do Ser , quando o Dizer está a ponto de sucumbir ao silêncio , sob o peso da heterogeneidade do ser e dos seres, o próprio Ser relança o Dizer, em virtude das continuidades subterrâneas que conferem ao Dizer uma extensão analógica de suas significações.²⁰

Esta extensão justifica uma trilogia que o discurso especulativo irá administrar. O campo deste é o intermédio entre: o conceito, passível de analogia e o aspecto real do termo, a participação.

¹⁷ Paul RICOEUR . *A metáfora viva*, p.425.

¹⁸ Ibid,ibid.

¹⁹ A noção Kantiana ,in Emmanuel KANT . *Critica da Razão Pura* .Tradução J. Rodrigues de Mereje: Rio de Janeiro:EDIOURO, 1995.

²⁰ Paul RICOER. *A metáfora viva*, p. 427.



Entre o que transparece por afinidade (como linguagem)²¹ a apreensão da gênese dos símbolos aparece no reflexo do espelho.

Essa projeção é extraída por meio da especulação. É na extração do conceito na diversidade (por apreensão das categorias), atividade que exige do leitor dessa linguagem o *know how* da especulação. O produto disto é a codificação semântica - a manufatura da expressão. Isto porque a analogia depende da noção da matéria e esta, por ser matéria detém necessariamente corrupção. Ora, a corrupção surge como mistura que exclui o simples, o puro, logo o Uno, e, além disso, e por isso nega ainda o traço simbólico que descende do gérmen da coisa simbolizada, (O locutor esportivo chama a bola de pelota. Tal expressão traz notoriedade ao traço esférico, expresso *in absentia*). Negadas tais concepções não pode haver poesia.

É a entrada da metáfora. A Summa Teológica,²² por Aquino atesta uma prioridade de gênese para a atribuição dos nomes. A gênese de tudo é Deus, mas a necessidade de tradução dessa divindade faz a expressão percorrer outro caminho, o do mais próximo, dada a já dita corrupção da matéria. Daí, o caminho mais curto ser o do referencial da criatura.

Aqui Ricoeur reafirma a metáfora na semelhança, *a similitude da proporção*.²³ Sua estrutura é a mesma no discurso poético e no discurso bíblico. Enquanto a analogia visa o arremesso ao unívoco (sabedoria), a metáfora faz a *transposição* de um termo atribuído a uma criatura a outra, e estes todos estão submetidos a Deus. Estamos falando de uma relação metafísica, porque estando as criaturas nomeadas mais próximas de nossa percepção, esta se dá no domínio imanente.

Uma palavra ainda precisa ser dita com respeito à poesia, à linguagem bíblica e à teologia. Poesia e linguagem bíblica partem do nome para a coisa, logo, por afinidade de aspectos formam

²¹ Ibid, ibid.

No mesmo lance, analogia e participação são postas em uma relação de espelho, a unidade conceitual e a unidade real respondem-se exatamente.

²² Tomas de Aquino. *Summa teológica* (Ia.q.13, art.6.).São Paulo: Loyola, 2002.

²³ Paul RICOEUR. *A metáfora viva*, p.429.



um bloco comum, diferente da linguagem teológica, cujo conceito parte de Deus, no domínio da infinitude, da pré-existência do Uno.

Essas duas distinções compõem a expressão metafórica, já que o primeiro bloco de relações, quando a metáfora proporcional descaracteriza o conceito unívoco da ligação com Deus, para aquela dos dois pólos intermediários ontológicos (descendente, à dimensão finita); a segunda, analogia transcendental produz um refinamento nas percepções significativas, em ascensão.

Afirmamos que o quiasmo (intersecção de discursos) acontece com o declínio do nome puro, divino, em essência para a composição material que o homem faz com o conceito para apreendê-lo. Isto se dá na relação nome a nome (de sua instância) interseccionando-se com a ascendência de percepção que este mesmo homem adquire quando a analogia se transcendentaliza. Uma apreensão cruzada de sentidos em formação da metáfora (des) veladora surge, resultado desse quiasmo.

Estes últimos movimentos mostram ponto que já intuíamos acima, mas Ricoeur explana pelo aspecto da predicação. Esta predicação, *atribuída a Deus*²⁴ é igual a sua essência, Absoluta, e a atribuída aos homens compreende a relação ontológica, parcial, se lembramos a corrupção da matéria.

Temos a definição, mas ainda precisamos explicitar esta última questão metafísica na participação da metáfora, que é o lugar do contato homem-mundo na linguagem, bem como aprofundar o entendimento da intersecção desta postura imanente com aquela transcendente que a analogia nos oferece. Este é o atributo da mudança, o produto da metáfora.

Bibliografia

AQUINO . Santo Tomaz, *Summa teológica* (Ia.q.13, art.6.).São Paulo: Loyola , 2002.

ARISTÓTELES, *Pensadores*, Vol I, São Paulo: Nova Cultural , 2000

²⁴ Paul RICOEUR . *A metáfora viva*,p.431



AUBANQUE. Pierre , *Le Problème de l'être chez Aristote. Essai sur Le problematique aristotélécienne*. Paris ,PUF, 1962, in Paul RICOEUR. *A metáfora viva*, p.404.

KANT. Emmanuel , *Crítica da Razão Pura* , Rio de Janeiro Tradução J. Rodrigues de Menezes: Rio de Janeiro:EDIOURO, 1995

RICOEUR. Paul, *A metáfora viva*. São Paulo: Loyola, 2000.